

Albert Camus

A PESTE

tradução de
Ersílio Cardoso

LIVROS DO BRASIL

Os curiosos acontecimentos que servem de assunto a esta história produziram-se em 194..., em Orão. Segundo a opinião geral, não estavam aí no seu devido lugar, antes saíam um pouco do habitual. À primeira vista, Orão é, com efeito, uma cidade vulgar, que não passa de uma prefeitura francesa na costa argelina.

A própria cidade, confessemos-lo, é feia. Com o seu aspeto calmo, é preciso algum tempo para se perceber o que a torna diferente de tantas outras cidades comerciais em todas as latitudes. Como imaginar, por exemplo, uma cidade sem pombas, sem árvores e sem jardins, onde não se sente o bater de asas nem o sussurro de folhas, uma cidade neutra, para dizer tudo? Apenas no céu se lê a mudança das estações. A primavera só se anuncia pela qualidade do ar ou pelos cestos de flores trazidos por rapazitos dos arredores: é uma primavera que se vende nos mercados. Durante o verão, o sol incendeia as casas demasiado secas e cobre as paredes de uma poeira cinzenta; então só é possível viver à sombra das persianas corridas. No outono, pelo contrário, é um dilúvio de lama. Os dias bonitos só vêm no inverno.

Uma maneira cómoda de travar conhecimento com uma cidade é descobrir como lá se trabalha, como se ama e como se morre. Na nossa pequena cidade, talvez por efeito do clima, tudo se faz ao mesmo tempo, com o mesmo ar frenético e distante. Ou seja, as pessoas aborrecem-se e aplicam-se a criar hábitos. Os nossos concidadãos trabalham muito, mas apenas para enriquecerem. Interessam-se principalmente pelo comércio e ocupam-se, em primeiro lugar, segundo a sua própria expressão, em fazer negócios. Naturalmente, têm gosto pelos prazeres simples, gostam das mulheres, do cinema e dos banhos de mar. Porém, muito sensatamente, reservam os prazeres para os domingos e os sábados à noite,

procurando nos outros dias da semana ganhar muito dinheiro. À tarde, quando saem dos escritórios, reúnem-se a uma hora fixa nos cafés, passeiam na mesma avenida ou põem-se às varandas. Os desejos dos mais novos são violentos e breves, enquanto os vícios dos mais velhos não vão além das associações de bolómanos¹, os banquetes das *amicales*² e as assembleias onde se joga forte sobre a sorte das cartas.

Dir-se-á que nada disso é peculiar à nossa cidade e que, em suma, todos os nossos contemporâneos são assim. Sem dúvida, nada há de mais natural, hoje em dia, do que ver as pessoas trabalharem de manhã à noite e perderem em seguida, a jogar às cartas, no café, ou a dar à língua, o tempo que lhes resta para viverem. Mas há cidades e países onde as pessoas têm, de tempos a tempos, a suspeita de que existe mais alguma coisa. Isso, em geral, não lhes modifica a vida. Simplesmente houve essa suspeita, e sempre é um ganho. Orão, pelo contrário, é uma cidade sem suspeitas, ou seja, uma cidade inteiramente moderna. Não é, pois, necessário precisar a maneira como se ama entre nós. Os homens e as mulheres ou se devoram rapidamente no chamado ato do amor ou se entregam a um longo hábito entre dois. Também isso não é original. Em Orão, como no resto do mundo, por falta de tempo e de reflexão, é-se obrigado a amar sem o saber.

O que é mais original na nossa cidade é a dificuldade que lá se encontra em morrer. Dificuldade, aliás, não é o termo exato: seria mais justo falar em desconforto. Nunca é agradável estar doente, mas há cidades e países onde nos amparam na doença e onde se pode, de certo modo, deixar correr. Um doente precisa de ternura, gosta de se sentir apoiado em qualquer coisa, o que é bastante natural. Em Orão, porém, os excessos do clima, a importância dos negócios que lá se tratam, a insignificância da paisagem, a rapidez do crepúsculo e a qualidade dos prazeres, tudo exige boa saúde. Um doente, lá, encontra-se muito só. Como pensar então naquele que vai morrer, apanhado na armadilha por detrás das paredes

¹ Neologismo que designa os entusiastas do *jeux de boules*, jogo muito popular em França. *Boulomanes*, no original. (N. do T.)

² Nome dado às associações formadas por membros do ensino, etc. (N. do T.)

crepitanes de calor, enquanto no mesmo minuto toda uma população, ao telefone ou nos cafés, fala de letras de câmbio, de mercadorias recebidas ou de descontos? Compreender-se-á o que há de desconfortável na morte, mesmo moderna, quando ela sobrevém num lugar tão árido.

Estas indicações dão talvez uma ideia suficiente da nossa cidade. Aliás, é necessário não exagerar. O que era preciso acentuar era o aspeto banal da cidade e da vida. Mas os dias passam-se sem dificuldades desde que se tenha criado hábitos. A partir do momento em que a nossa cidade favorece justamente os hábitos, pode dizer-se que tudo corre pelo melhor. Sob este aspeto, sem dúvida, a vida não é muito emocionante. Mas, ao menos não se conhece entre nós a desordem. E a nossa população, franca, simpática e ativa, despertou sempre no viajante uma estima apreciável. Esta cidade sem pitoresco, sem vegetação e sem alma acaba por parecer repousante e, enfim, adormece-se lá. Mas é justo acrescentar que ela se incrustou numa paisagem sem igual, no meio de um planalto nu, rodeada por colinas luminosas, frente a uma baía de recorte perfeito. Pode apenas lamentar-se que ela esteja construída de costas para essa baía e que, por conseguinte, seja impossível ver o mar, que é sempre preciso ir procurar.

Uma vez lá, admitir-se-á sem custo que nada podia fazer esperar aos nossos concidadãos os incidentes que se produziram na primavera desse ano e que foram, compreendemo-lo depois, como que os primeiros sinais dos acontecimentos graves cuja crónica nos propusemos fazer aqui. Esses factos parecerão a alguns perfeitamente naturais, e a outros, pelo contrário, inverosímeis. Porém, no fim de contas, um cronista não pode atender a estas contradições. A sua tarefa é apenas dizer «Isto aconteceu», quando sabe que isto aconteceu, com efeito, que isto interessou a vida de todo um povo, e que, portanto, há milhares de testemunhas que apreciarão nos seus corações a verdade do que ele conta.

Aliás, o narrador, que se conhecerá a seu tempo, não disporia de títulos de valor numa empresa deste género se o acaso não o tivesse posto em condições de recolher um certo número de depoimentos e se a força das circunstâncias não o tivesse imiscuído em tudo o que pretende relatar. É isso que o autoriza a fazer obra de historiador. Um historiador, bem

entendido, mesmo que não passe de um amador, tem sempre os seus documentos. O narrador desta história tem, pois, os seus: em primeiro lugar o seu testemunho, em seguida o dos outros, visto que, pelo seu papel, foi levado a recolher as confidências de todas as personagens desta crónica, e, finalmente, os textos que acabaram por vir parar-lhe às mãos. Propõe-se ir beber neles quando lhe parecer útil e utilizá-los como lhe aprouver. Propõe-se ainda... mas é talvez tempo de abandonar os comentários e as precauções de linguagem para atacar o assunto em si. O relato dos primeiros dias exige certa minúcia.

Na manhã do dia 16 de abril, o doutor Bernard Rieux saiu do seu consultório e tropeçou num rato morto, no meio do patamar. Nesse momento, afastou o bicho sem lhe prestar atenção e desceu a escada. Chegado à rua, porém, veio-lhe a ideia de que esse rato não devia estar ali e voltou atrás para prevenir o porteiro. Perante a reação do velho Michel, sentiu melhor o que a sua descoberta tinha de insólito. A presença desse rato parecera-lhe apenas estranha, enquanto para o porteiro ela constituía um escândalo. A posição deste último era, aliás, categórica: não havia ratos em casa. Por mais que o médico lhe afirmasse que havia um no patamar do primeiro andar, e provavelmente morto, a convicção de Michel permanecia íntegra. Não havia ratos na casa e era, pois, necessário que tivessem trazido aquele de fora. Em resumo, tratava-se de uma partida.

Nessa mesma noite, Bernard Rieux, de pé no corredor do edifício, procurava as chaves antes de subir para sua casa quando viu surgir do fundo obscuro do corredor um rato enorme, de passo incerto e pelo molhado. O animal parou, pareceu procurar o equilíbrio, correu em direção ao médico, parou de novo, deu uma volta sobre si mesmo com um pequeno guincho e parou, por fim, deitando sangue pela boca entreaberta. O médico contemplou-o um instante e subiu.

Nesse momento, não era no rato que ele pensava. Aquele sangue fazia-o voltar à sua preocupação. A sua mulher, doente havia um ano, devia partir no dia seguinte para a montanha. Foi encontrá-la deitada no quarto, como lhe pedira que fizesse. Preparava-se assim para a fadiga da viagem. Sorria.

— Sinto-me muito bem — declarou ela.

O médico olhou o rosto voltado para ele, à luz da lâmpada de cabeceira. Para Rieux, aos trinta anos e a despeito das marcas da doença,

aquele rosto era sempre o da mocidade, devido talvez àquele sorriso que apagava tudo o resto.

— Dorme, se podes — disse. — A enfermeira vem às onze horas e eu levo-as ao comboio do meio-dia.

Beijou uma testa ligeiramente húmida e um sorriso acompanhou-o até à porta.

No dia seguinte, 17 de abril, às oito horas, o porteiro deteve o médico e acusou três brincalhões de mau gosto de haverem posto três ratos mortos no meio do corredor. Deviam tê-los apanhado com grandes ratoeiras, pois estavam cheios de sangue. O porteiro ficara algum tempo à porta, segurando os ratos pelas patas, esperando que os culpados se traíssem por algum sarcasmo. Mas nada acontecera.

— Ah... — dizia Michel —, hei de acabar por apanhá-los.

Intrigado, Rieux decidiu começar a sua volta pelos bairros periféricos, onde habitavam os mais pobres dos seus clientes. A recolha do lixo fazia-se aí muito mais tarde e o automóvel, rolando ao longo das ruas direitas e poeirentas desse bairro, roçava os caixotes do lixo deixados à beira do passeio. Numa rua que percorria assim, o médico contou uma dúzia de ratos lançados sobre restos de legumes e trapos sujos.

Encontrou o seu primeiro doente na cama, num quarto que dava para a rua e que servia ao mesmo tempo de quarto e de sala de jantar. Era um velho espanhol, de rosto duro e enrugado. Tinha à sua frente, sobre a coberta, duas panelas cheias de grãos-de-bico. No momento em que o médico entrou, o doente, soerguido no leito, encostava-se para trás numa tentativa de restabelecer a respiração penosa de velho asmático. A mulher trouxe uma bacia.

— Hein, doutor — disse ele durante a injeção —, eles saem, já viu?

— É verdade — confirmou a mulher —, o vizinho apanhou três.

O velho esfregou as mãos.

— Começam a sair, veem-se por todos os caixotes do lixo. É a fome!

Rieux não teve dificuldade em verificar, de seguida, que todo o bairro falava de ratos. Acabadas as visitas, voltou a casa.

— Há um telegrama para si, lá em cima — informou Michel.

O médico perguntou-lhe se tinha visto mais ratos.

— Ah, não — disse o porteiro. — É que eu estou à espreita, compreende, e esses porcos não se atrevem.

O telegrama prevenia Rieux da chegada da sua mãe no dia seguinte. Vinha ocupar-se da casa do filho durante a ausência da doente. Quando o médico entrou em casa, a enfermeira já lá estava. Rieux viu a mulher de pé, com um saia-casaco, já pintada. Ele sorriu-lhe.

— Muito bem — disse ele —, muito bem.

Um momento depois, na estação, instalava-a na carruagem-cama. Ela percorreu com o olhar o compartimento.

— É caro de mais para nós, não é verdade?

— É preciso — respondeu Rieux.

— Que vem a ser essa história dos ratos?

— Não sei. É estranho, mas há de passar.

Depois disse-lhe muito rapidamente que lhe pedia perdão, que devia ter olhado por ela e que a tinha negligenciado muito. Ela abanou a cabeça, como para lhe dizer que se calasse. Mas Rieux acrescentou:

— Tudo correrá melhor quando voltares. Recomeçaremos.

— Sim — concordou ela, com os olhos brilhantes —, recomeçaremos.

Um momento depois voltava-lhe as costas e olhava através da janela. No cais, as pessoas apressavam-se, empurrando-se. O cicar da locomotiva chegava até eles. O médico chamou a mulher pelo seu nome próprio e quando ela se voltou, viu que tinha o rosto coberto de lágrimas.

— Não — pediu ele com ternura.

Por sob as lágrimas o sorriso voltou, um pouco crispado. Ela respirou profundamente.

— Vai-te embora, tudo há de correr bem.

Rieux abraçou-a e, no cais, agora do outro lado do vidro, já não lhe via senão o sorriso.

— Tem cuidado contigo, peço-te.

Mas ela não podia ouvi-lo.

Perto da saída, Rieux encontrou Othon, o juiz de instrução, que trazia pela mão o seu filhito. O médico perguntou-lhe se ia de viagem. Othon,

alto e negro, que parecia, em parte, o que se chamava outrora um homem de sociedade e, por outro lado, um gato-pingado, respondeu com uma voz amável, mas breve:

— Espero a senhora Othon, que foi visitar a minha família.

A locomotiva apitou.

— Os ratos ... — disse o juiz.

Rieux teve um movimento na direção do comboio, mas voltou-se para a saída.

— Bem sei, não é nada.

Tudo o que fixou desse momento foi a passagem de um empregado que levava debaixo do braço um caixote cheio de ratos mortos.

Na tarde do mesmo dia, Rieux, ao princípio da sua consulta, recebeu um homem novo que lhe disseram ser jornalista e que já tinha vindo de manhã. Chamava-se Raymond Rambert. Baixo de estatura, de ombros fortes e rosto decidido, Rambert trazia um fato de corte desportivo e parecia contente com a vida. Foi direito ao fim. Fazia um inquérito para um grande jornal de Paris sobre as condições de vida dos Árabes e queria informações sobre o seu estado sanitário. Rieux informou-o de que esse estado não era bom, mas quis saber, antes de ir mais longe, se o jornalista podia dizer a verdade.

— Certamente — assegurou o outro.

— Quero dizer, pode fazer a condenação total?

— Total não, devo dizê-lo. Mas creio que essa condenação não teria fundamento.

Com brandura, Rieux disse que, com efeito, semelhante condenação não teria fundamento, mas que, fazendo essa pergunta, procurava apenas saber se o testemunho de Rambert podia ou não ser feito sem reservas.

— Só admito os testemunhos sem reservas. Não estou, pois, disposto a apoiar o seu com as minhas informações.

— É a linguagem de Saint-Just — disse o jornalista sorrindo.

Sem elevar a voz, Rieux retorquiu que não percebia nada disso, mas que era a linguagem de um homem cansado do mundo em que vivia, mas que amava, contudo, os seus semelhantes e estava decidido a recusar, pela

sua parte, a injustiça das concessões. Rambert, com o pescoço enterrado nos ombros, olhava para o médico.

— Creio que o compreendo — disse por fim, levantando-se.

O médico acompanhou-o à porta.

— Agradeço-lhe que aceite as coisas assim.

Rambert pareceu impaciente.

— Sim, compreendo, perdoe-me o incómodo.

O médico apertou-lhe a mão e informou-o de que haveria uma curiosa reportagem a fazer sobre a quantidade de ratos mortos que se encontravam na cidade nesse momento.

— Ah! — exclamou Rambert. — Isso interessa-me.

Às cinco horas, ao sair para novas visitas, o médico encontrou na escada um homem ainda novo, de aspeto pesado, com um rosto maciço e cansado, riscado por sobranceiras espessas. Tinha-o encontrado algumas vezes em casa dos bailarinos espanhóis que habitavam o último andar da sua casa. Jean Tarrou fumava com aplicação um cigarro e contemplava as últimas convulsões de um rato que morria num degrau, a seus pés. Levantou para o médico um olhar calmo e um pouco fixo nos seus olhos cinzentos e acrescentou que aquela aparição de ratos era uma coisa bastante curiosa.

— É verdade — respondeu Rieux —, mas acaba por tornar-se irritante.

— Num sentido, doutor, só num sentido. Nunca vimos nada de semelhante, eis tudo, mas eu acho isso interessante, sim, positivamente interessante.

Tarrou passou a mão pelos cabelos para os atirar para trás, olhou de novo para o rato, agora imóvel, e depois sorriu para Rieux:

— Mas, em suma, doutor, isto é sobretudo com o porteiro.

De facto, o médico encontrou o porteiro em frente da casa, encostado à parede, perto da entrada, com uma expressão de fadiga no rosto habitualmente congestionado.

— Bem sei — disse o velho Michel a Rieux, que lhe comunicava a nova descoberta. — Encontram-se agora aos dois e aos três. Mas é a mesma coisa nas outras casas.

Parecia abatido e preocupado, esfregando o pescoço com um gesto maquinal. Rieux perguntou-lhe como ia de saúde. O porteiro não podia dizer, na verdade, que não ia bem. Simplesmente, não se sentia em forma. Em sua opinião, era o moral que estava um pouco abatido. Aqueles ratos tinham-lhe dado a volta à cabeça e tudo ficaria melhor quando tivessem desaparecido.

Mas no dia seguinte, 18 de abril, de manhã, o médico, que voltava com a mãe da estação, encontrou Michel com uma expressão ainda mais abatida: da cave às águas-furtadas, uma dezena de ratos jazia nas escadas. Os caixotes do lixo das casas vizinhas estavam cheios deles. A mãe do médico tomou conhecimento da notícia sem se admirar.

— São coisas que acontecem. — Era uma senhora de cabelos prateados, com olhos negros e meigos. — Estou satisfeita por voltar a ver-te, Bernard. Os ratos nada podem contra isso.

Ele aprovava. Era verdade que, com ela, tudo lhe parecia sempre fácil.

Entretanto, Rieux telefonou ao serviço comunal de desratização, cujo diretor conhecia. Este já ouvira falar desses ratos que vinham em grande número morrer ao ar livre? Mercier, o diretor, tinha ouvido falar disso e no seu próprio serviço próximo do cais haviam sido encontrados uns cinquenta. Perguntava a si próprio se a coisa teria importância. Rieux não podia decidir mas pensava que se impunha uma intervenção do serviço de Mercier.

— Sim — disse Mercier —, com uma ordem. Se achas que vale realmente a pena, posso tentar obter essa ordem.

— Vale sempre — respondeu Rieux.

A sua mulher a dias acabava de lhe comunicar que tinham apanhado várias centenas de ratos mortos na fábrica onde o marido trabalhava.

Em todo o caso, foi mais ou menos por esta época que os nossos concidadãos começaram a inquietar-se com o caso, pois a partir do dia 18 as fábricas e os armazéns apareceram enxameados de centenas de cadáveres de ratos. Em alguns casos foi necessário acabar de matar os bichos, cuja agonia era demasiado longa. Mas desde os bairros periféricos até ao centro da cidade, por toda a parte onde o doutor Rieux passava, por toda a parte

onde os nossos concidadãos se reuniam, os ratos esperavam em montes, nos caixotes do lixo ou junto às sarjetas, em longas filas. A imprensa da tarde ocupou-se do caso a partir desse dia e perguntou se a municipalidade se propunha ou não agir e que medidas de urgência tencionava adotar para proteger os seus munícipes dessa repugnante invasão. A municipalidade não se tinha proposto coisa alguma, mas começou por reunir em conselho para deliberar. Foi dada ordem ao serviço de desratização para proceder à sua recolha todas as manhãs, ao romper da alva. Acabada a recolha, dois carros do serviço deviam conduzir os animais à unidade de incineração de lixos, a fim de serem queimados.

Porém, nos dias que se seguiram a situação agravou-se. O número de roedores apanhados ia crescendo e a recolha era cada manhã mais abundante. A partir do quarto dia os ratos começaram a sair para morrerem em grupos. Das arrecadações, das caves, dos esgotos, subiam em longas filas, titubeantes, para virem vacilar à luz, girar sobre si mesmos e morrer perto dos seres humanos. À noite, nos corredores ou nas ruelas, ouviam-se distintamente os seus guinchos de agonia. De manhã, nas ruas, encontravam-se junto aos passeios, com uma pequena flor de sangue no focinho pontiagudo, uns inchados e pútridos, outros rígidos e com os bigodes ainda hirtos. Na própria cidade encontravam-se em pequenos montes, nos patamares e nos pátios. Vinham também morrer isoladamente nos vestíbulos administrativos, nos recreios das escolas, por vezes nos terraços dos cafés. Os nossos concidadãos, estupefactos, encontravam-nos nos locais mais frequentados da cidade. A Praça de Armas, os bulevares, ou o Passeio de Front-de-Mer apareciam conspurcados de longe a longe. Expurgada, ao amanhecer, dos animais mortos, a cidade voltava a encontrá-los pouco a pouco, cada vez mais numerosos, durante o dia. Nos passeios, acontecia também a mais de um notívago sentir debaixo do pé a massa elástica de um cadáver ainda fresco. Dir-se-ia que a própria terra onde estavam plantadas as nossas casas se purgava dos seus humores, deixando subir à superfície furúnculos e podridões que, até aqui, a minavam interiormente. Pense-se só na estupefação da nossa pequena cidade, até então tão tranquila, transtornada em alguns

dias como um homem saudável cujo sangue espesso se pusesse de repente em revolução!

As coisas foram tão longe que a agência Ransdoc — informações, investigações, documentação completa sobre qualquer assunto — anunciou, na sua emissão radiofónica de informações gratuitas, seis mil duzentos e trinta e um ratos apanhados e queimados, só no dia 25. Este número, que dava um sentido claro ao espetáculo quotidiano que a cidade tinha perante os seus olhos, aumentou a agitação. Até então, as pessoas tinham-se apenas queixado de um espetáculo um pouco repugnante. Compreendia-se agora que este fenómeno, de que não se podia ainda avaliar a amplitude nem precisar a origem, tinha qualquer coisa de ameaçador. Só o velho espanhol asmático continuava a esfregar as mãos e a repetir com uma alegria senil: «Eles saem, eles saem...»

Entretanto, a 28 de abril, a Ransdoc anunciava uma recolha de aproximadamente oito mil ratos e a ansiedade atingiu o auge. Pedia-se medidas radicais, acusavam-se as autoridades, e alguns que tinham casas à beira-mar falavam já em retirar-se para lá. Mas no dia seguinte a agência anunciou que o fenómeno cessara bruscamente e que o serviço de desratização apanhara apenas uma quantidade insignificante de ratos mortos. A cidade respirou.

Contudo, foi no mesmo dia, ao meio-dia, que o doutor Rieux, ao parar o carro em frente de casa, viu ao fundo da rua o porteiro, que avançava penosamente, de cabeça baixa, os braços e as pernas afastados, numa atitude de fantoche. O velho apoiava-se no braço de um padre que o doutor reconheceu. Era o padre Paneloux, um jesuíta erudito e militante que ele tinha encontrado algumas vezes e que era muito estimado na nossa cidade, mesmo por aqueles que são indiferentes em matéria religiosa. Esperou-os. O velho Michel tinha os olhos brilhantes e a respiração ruidosa. Não se sentia muito bem e tinha querido tomar ar, mas dores vivas no pescoço, nas axilas e nas virilhas tinham-no obrigado a voltar e a pedir o auxílio do padre Paneloux.

— São uns inchaços — disse. — Devo ter feito algum esforço.

Com o braço fora da porta, o médico apalpou o pescoço que ele lhe estendia. Tinha-se lá formado uma espécie de nó de madeira.